

Stockholmo, que já não se realiza no próximo dia 9, declararam não poderem fixar ainda a data da sua realização, sem primeiro saberem o que vai passar-se na conferência inter-aliada, que se efectua em Londres hoje e amanhã.

28

A imprensa ingleza comenta com entusiasmo os brilhantes resultados obtidos pelas tropas do general Pétain na região de Verdun e bem assim o vitorioso avanço dos italianos no Isonzo.—Os alemães mostram-se inquietos por causa da artilharia ingleza que, com os seus tiros de barragem, torna difícil, na ofensiva actual, a chegada de novas tropas.—O «Berliner Tageblatt», referindo-se á questão de um armistício, conclue por dizer que a unica solução possível para os Estados centrais é que a guerra continue enquanto proseguirem as negociações para a paz.

29

Os Estados Unidos, desde a declaração de guerra, desembolsaram já cerca de dois biliões e meio de dollars, incluindo os empréstimos aos aliados, e contam que, no seu primeiro ano de guerra as despesas subam a 17 biliões de dollars, muito mais do que a Inglaterra.—Os heróicos soldados francezes na região de Verdun, dos dois lados do Meuse, dia a dia estão dando brilhantes provas do seu valor e da sua superioridade sobre as tropas do kronprinz.—Em vista do perigo que corre Trieste, o comando supremo do exercito austriaco ordenou a evacuação da cidade, donde já saiu a maior parte dos seus habitantes.

30

Encerrou-se a conferência de Moscow que, segundo Kerensky, permitiu a diferentes grupos manifestar a sua tendencia para um acordo entre todos os cidadãos russos.—Os austriacos estão inteiramente derrotados no planalto de Bainsizza e, na margem oriental do Carso, fogem desordenadamente, abandonando mantimentos e materiais de guerra.—O presidente Wilson apoia a politica de Kerensky e, alem de ter adiantado 100 milhões de dollars aos russos, estuda a possibilidade de enviar-lhes novos recursos.

Portugal na guerra

Sector portuguez em França

Informação relativa á semana finda em 25:

Comunicação do general Tamagnini.—As nossas tropas repeliram um «raid» ao sul de Armentières, fazendo tres prisioneiros.

Em todo o nosso sector houve encontro de patrulhas, que foram sempre repelidas, e bombardeamentos reciprocos, fazendo o inimigo largo emprego de granadas de balas asfixiantes.

Tivemos um insignificante numero de baixas durante a semana.

O moral das nossas tropas continua a ser excelente.

Visita de jornalistas francezes ao sector

O sr. ministro do interior recebeu ha dias de Paris, na qualidade de presidente interino do ministerio, o seguinte telegrama:

«Comunico a v. ex.ª, que uma missão de jornalistas francezes vai visitar o «front» portuguez em minha companhia.—(a) Augusto de Castro.

Entre os nossos soldados

PARIS, 25.—O «Petit Parisien» publica uma carta dum portuguez que passou alguns mezes entre os valentes serranos da 1.ª divisão portugueza que estão lutando na frente de Flandres.

«Vi—escreve ele—o soldado portuguez na luta. Adapta-se a todas as exigencias da guerra moderna e demonstra nas trincheiras qualidades de perfeito combatente. Ha pouco, ao crepusculo, um cabo e um soldado portuguez viram um grupo de alemães ocupados em restabelecer os seus fios de de arame farpado. Ousadamente escalaram o parapeito das trincheiras e lançaram-se sobre o inimigo, distante uns 60 metros, avançando sob uma chuva de balas.

O soldado foi gravemente ferido. O cabo continuou a avançar, dispersou a patrulha e, depois, de baixo de fogo, voltou para a trincheira, trazendo o seu camarada e, á guiza de trofeu, uma torquez de cortar arame de que os alemães se serviam.

Depois dum recontro feliz viu-se um soldadito, moreno, d'olhos suaves de montanhez, barrar o caminho aos alemães que queriam fugir, e em breve eles marchavam na sua frente com as mãos no ar.

Os officiaes nada ficam a dever aos soldados.

O sr. dr. Bernardino Machado—termina o nosso compatriota—prepara-se para ir levar a esses valentes o incitamento na sua presença quando da sua proxima visita a França.»

Prisioneiros

O «Boletim da Agencia Internacional de Prisioneiros de Guerra» dá noticia de terem sido conduzidos, de Minden a Senne, um portuguez aprisionado no mar em 9 de dezembro de 1916, e de Douai a Duimen, um portuguez

aprisionado ao sul de Lille, em 2 de julho.

Visita do sr. Presidente da República

O sr. presidente da Republica, dr. Bernardino Machado, acompanhado da sua comitiva, visitará na primeira quinzena de outubro as nossas tropas que estão em França.

Uma carta

De uma carta do sr. Artur Matos, aspirante dos correios no Porto, hoje alferes miliciano de infantaria 18, que se encontra no front, em França, dirigida a um seu amigo:

«Por aqui continua tudo animado. Os rapazes preferem estar no front, a combater os «boches», do que na retaguarda a fazer serviços que os aborrecem. Os soldados principalmente, é o que preferem. E, diga-se a verdade, no meio disto tudo, eles mostram coragem e patriotismo. Sempre que os comunicados falam em sucessos, logo eles se alegram e entusiasmam.

Dão-se todos muito bem com os inglezes. Assim como os percebem melhor do que nós. Não sabem mais do que quatro palavras em inglez; mas com isso e meia dúzia de gestos entendem-se, que é uma beleza. Outras vezes é a guitarra. Muitos batalhões trouxeram consigo as suas guitarras. A guitarra do 32 e a do 19 foram oferecidas.

E' por isso que aqui no norte da França se ouve por vezes o sentido fado da nossa terra. Emfim, as duas coisas mais lindas que existem em Portugal: o fado e o patriotismo, andam por aqui de mãos dadas.

E assim se levanta bem alto o nome da nossa Patria.

Os inglezes, assim que a guitarra geme, aproximam-se logo dos nossos grupos e começam de ouvir o fado com a maxima atenção. E não admira. Eu já vi chorar uma franceza em Biarritz, mal um rapaz começou a cantar o fado. Dizia ela que lhe fazia lembrar um irmão que tinha na guerra.»

Junta Patriótica do Norte

Correspondencia para o «front»

O Bureau de Informações torna publico que as correspondencias destinadas aos officiaes do corpo de artilharia pesada não devem ser dirigidas a C. E. P., mas ter o seguinte endereço: nome, graduação A. L. G. P. n.º 700 (par envios automobíles), Pariz.

Bureau de informações

A Junta Patriótica do Norte, afim de elucidar as familias dos nossos soldados prisioneiros do inimigo, torna publico o seguinte:

Correspondencias—As cartas devem ser curtas, bem legíveis e não conter alusão alguma á guerra, á paz ou acontecimentos políticos ou militares, sob risco de serem confiscadas pela censura. Pódem ser escritas em portuguez e seguirão abertas. Os bilhetes postais são preferíveis ás cartas, por facilitarem o trabalho dos censores.

A direção ou endereço deve conter: nome e apelido, posto, regimento (ou outra unidade), companhia, numero e nome do campo de internamento.

Quando o proprio prisioneiro tenha escrito á sua familia, a direção da correspondencia será a que ele indicar.

Por baixo da direção escrever-se-ha: «Ao cuidado da Cruz Vermelha, Lisboa».

Não é preciso pôr estampilha do correio, nem nas cartas nem nos bilhetes postais.

A correspondencia dos prisioneiros com suas familias é autorizada, em regra, na razão de um bilhete postal por semana e duas cartas por mez.

Não se admitem cartas registadas para os prisioneiros que estão na Alemanha.

Dinheiro—Para enviar dinheiro aos prisioneiros, remeterão as familias a esta comissão vales dos correios das respetivas importancias.

Nestes vales escrever-se-ha a

lapis a direção do prisioneiro, conforme fica indicado para as cartas.

As familias de Lisboa ou que tenham ali correspondente poderão fazer a entrega diretamente no escriptorio da comissão, á praça do Comercio.

Não se admite nenhuma outra forma de entrega de dinheiro, nem em carta registada nem em estampilhas, cheques, ordens postais, etc.

Aconselha-se ás familias a não remeterem por cada vez mais de 5\$000 reis.

Os vales do correio de que se trata são emitidos como vales de serviço, não pagando, portanto, premio nem selo.

Encomendas—Cada encomenda não poderá pesar mais de 5 quilos nem conter liquidos, comidas que possam detiorar-se, dinheiro, livros, impressos ou manuscritos de qualquer natureza, não podendo, por esse motivo, ser empregados jornais no seu acondicionamento.

Aconselha-se a remessa de conservas, banha, manteiga e leite condensado, tudo em latas hermeticamente soldadas, papel e subcritos, penas de lapis, tinta, roupas de uso, calçado e pequenas porções de tabaco.

Recomenda-se o perfeito acondicionamento das encomendas.

A direção das encomendas será igual á das correspondencias, escrita no proprio envelopo e terá tambem a indicação: «Ao cuidado da Cruz Vermelha, Lisboa».

Nestas condições, as encomendas serão expedidas gratuitamente pelo correio.

A isenção de franquia do correio, portes, premios e selo de vales e encomendas é assegurada, tanto no paiz de origem e do destino, como nos paizes intermediarios, pelo disposto no artigo 16.º do regulamento relativo ás leis e costumes da guerra terrestre, anexo á 4.ª convenção de Haya, de 18 de outubro de 1907, ratificada por parte de Portugal por decreto do governo provisório de 24 de fevereiro de 1911.

Todas as expedições desta comissão são feitas por intermedio e acordo do Comité Internacional dos Prisioneiros de Guerra em Geneve; da Cruz Vermelha Holandesa, na Haya; e do Contróle General de Postes, em Berne.

Assinatura
PAGAMENTO ADIANTADO
 Um escudo no concelho da Feira e resto do continente. As despesas da cobrança pelo correio são levadas á conta do assinante, acrescidas no respectivo recibo.
 2 escudos nos Estados-Unidos do Brazil e colonias portuguesas.

Anuncios
 Por linha, 7 centavos; repetições, 5 centavos. Permanentes, preço convencional, imposto do selo á conta do anunciante.

Anuncia-se e aprecia-se qualquer publicação de que se receba um exemplar.

CORREIO DA FEIRA

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA

J. Soares de Sa
 Director, administrador, proprietario e editor.

Redacção,
 Administração, tipografia e oficinas de impressão, Praça da Republica—Feira.

Publicação semanal, aos sábados de tarde.

Aceitam-se e publicam-se informações ou correspondências que não envolvam responsabilidade. Não se restituem os autógrafos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção e administração, — Praça da Republica—Vila da Feira.

A GRANDE GUERRA

IMPREVIDENCIA

Ainda que Portugal não estivesse envolvido na guerra, bastaria o simples facto de existir a grande guerra para deverem ser adoptadas medidas da parte de todos e não apenas por sugestão ou imposição do Estado, no sentido de preparar o futuro, aliás bem incerto.

A bem dizer, consome-se, entre nós, o que é indispensável á vida e até muitas coisas que são superfluas, como se a guerra não existisse para nós. Só se privam de gastar aqueles a quem escasseiam recursos, ou os mais prudentes, que não querem comprometer o dia de amanhã. Esta é a verdade.

Uma corrente de imprevidencia parece atravessar o organismo nacional, produzindo convulsões, como se uma poderosa acção electro-magnética sobre ele atuasse.

O facto é muito para notar e para remediar a tempo, porque a imprevidencia de agora pôde transformar-se, mais tarde, em duras privações.

Não é privativa do nosso paiz, diga-se a verdade, esta imprevidencia. O brado que hoje erguemos aqui, em nome do bem-estar do povo portuguez, tem sido erguido em outras nações.

Na propria França, tão duramente provada pelas cruzes da guerra, levantam-se queixumes gerais ácerca da imprevidencia de todos, especialmente da imprevidencia administrativa. Ainda ha pouco se ergueram protestos energicos contra o grande numero de animais destinados aos matadouros que morrem pelo caminho. São outros tantos valores perdidos para a alimentação publica, no momento em que por todas as fórmulas se deve promover quanto possa contribuir para o aumento das forças de resistencia e de produção.

Na verdade, sendo a carne fornecida em rações limitadas aos consumidores não se pôde admitir que tanta vá alimentar as fabricas de guano.

Entre nós, o regimen das rações não chegou ainda. Cada qual gasta quanta quer, como gasta discrecionariamente outros generos. Não se pôde dizer que seja de bom juizo semelhante pratica.

Se se adoptasse o sistema de formar reservas, ainda semelhante procedimento seria admissivel. Sem isso, de modo algum. Nos Estados-Unidos, por exemplo, conseguiu-se constituir uma reserva de carne e até bai-

lar de 20 a 25 % o preço dela, porque, em vez de negociar o gado por abater, fez-se convergir todas as atividades para a conservação da carne abatida. Desta maneira, é possível garantir o abastecimento das populações sem perdas sensíveis.

A imprevidencia com que se abandona, entre nós, o problema da carne manifesta-se também sobre outros aspectos da alimentação publica.

No pão não se conhecem as restrições que estão em vigor noutros paizes, como medida de prudencia. Deixaram-se esgotar todas as reservas e o resultado foi condenar-se as populações de algumas regiões, a principiar pela capital de Portugal, a comer pão feito do cereal que aparece e até, cremos bem, sem a intervenção de cereal algum.

Nem ao menos se pensa em que as colheitas cerealíferas se não apresentam, geralmente, com os melhores auspícios. Segundo as informações colhidas pelo Instituto Internacional de Agricultura, a produção do trigo não será superior á do ano anterior, a não ser na Irlanda e nos Estados Unidos. Deve baixar muito na Hespanha, na França e no Japão. Sendo assim, é de crer que os preços se agravem, acrescidos ainda do agravamento dos fretes e seguros, se o regimen da navegação nos mares se não modificar sensivelmente. O preço em Chicago do trigo da nova colheita, para entrega em setembro, que era de 42 francos, oiro, por quintal, em 20 de julho passou a 44,25 francos.

Tudo quanto deixamos exposto conduz á conclusão de que se torna indispensável substituir pela mais constante e acertada providencia a despreocupada imprevidencia em que temos vivido, como se estivessemos isentos das horribes privações e das traiçoeiras surpresas características de uma guerra tremenda como esta que ficará memorável, como nenhuma outra, na Historia da Humanidade.

Explorações submarinas

Os progressos devidos á guerra em todos os ramos da atividade humana são cada vez maiores. A sciencia posta ao serviço da guerra neste conflito formidável tem encheido o mundo de horrores mas tem-nos dado também maravilhas. Vive-se uma hora grande de revelações e o desejo da vitória, a fe-

bre da luta, o frisson da tragedia estimulam o homem com um poder sobrenatural levando-o, para vencer ou para atenuar os males da catastrophe, ás mais extraordinarias descobertas no campo scientifico como o conduzem ás mais maravilhosas obras no campo da arte.

Dir-se-ia que esta guerra é sobretudo uma guerra de sabios, sem aquele misticismo heroico das guerras antigas a que a sciencia deu um aspeto inteiramente novo e que se ha de resolver scientificamente. Assim é que o exercito alemão pôde ser considerado mais uma grande maquina, a que em 1914 não faltava a mais pequena peça, racionadamente, friamente, scientificamente montada do que uma multidão conduzida por um sentimento e que os outros paizes para batê-lo, embora mais forte do que tudo tivessem a alma heroica dos seus soldados, foram obrigados a conduzir a guerra por processos scientificos até agora desconhecidos. E não foi só na tecnica militar propriamente que se evoluciona. A guerra agitou tudo. E especialmente aquelas sciencias, como a medicina, que estreitamente com ela se ligam, sofreram uma grande evolução.

As explorações submarinas, como não podia deixar de ser, teem merecido, com esta guerra, o interesse dos sabios. Podiam continuar perdidos no fundo do mar tantos milhões que se afundaram com os navios torpedeados pela barbarie alemã? O problema das explorações é, portanto, uma consequencia da campanha submarina que o vem pôr em foco.

O Boletim da União Pan-Americana que se edita em Washington, num curioso artigo sobre os progressos dessas explorações, responde á pergunta. É possível salvar esses milhões e pelos modernos processos de exploração já se conseguiu fazer flutuar gloriosamente um submarino da marinha norte-americana afundado em março de 1915 á saída do porto de Honolulu e que se encontrava a uma profundidade de 300 pés.

É, como se vê, um grande problema de momento. Plenamente resolvido poder-se-ha reintegrar novamente nas respectivas armadas tantos e tão poderosos navios que teem sido metidos a pique e como na velha lenda dos galeões afundados no fundo do mar milagrosamente surgirão tesouros...

Mas estará já resolvido o importantissimo problema que alem do seu aspeto scientifico tem outros aspectos, como o juridico, muito interessantes?

O autor do curioso artigo a que nos reportamos, o sr. Eduardo Alves, escreve:

«Quasi todos os navios que foram a pique, quer por acidente, quer devido a episodios da presente guerra, encontram-se a pequenas profundidades e muitos não devem estar a mais de 300 pés de profundidade.

O problema da flutuação desses barcos e das riquezas que eles contêm não parece estar longe de solução, em vista dos grandes aperfeiçoamentos na arte de mergulhar, como demonstram as experiencias realizadas pelos habéis e valentes mergulhadores da marinha de guerra norte-americana. Tem-se estabelecido Companhia nos Estados-Unidos, com o fim de, por meio de explorações submarinas, recuperarem as riquezas que se encontram abandonadas nas camadas tranquilas do oceano. Não resta duvida que o problema que tem por fim reaver os navios afundados e a maior parte dos grandes tesouros que eles encerram está hoje muito mais proximo de solução do que ha quatro ou cinco anos. Este enorme avanço é devido ás notaveis experiencias de submersão feitas sob a direção da repartição de construções navais da marinha de guerra norte-americana em 1914.

«Antes dessa época, a maior profundidade alcançada pelos mergulhadores tinha sido de 210 pés, profundidade atingida por 2 officiaes ingleses durante uma serie de experiencias realizadas pelo almirante britânico em 1907. Para aqueles que não conhecem as dificuldades que ha a vencer pelo corpo humano durante a permanencia a determinadas profundidades que a 10 pés (1 pé 30,5 cm.) o corpo do mergulhador terá de suportar uma pressão externa de 4,33 libras (1 lb = 453,6 grammas) por polegada quadrada (1 poleg. quadrada = 6,45 cmq.). A pressão aumenta proporcionalmente com a profundidade e a 100 pés suportará 43,3 libras e a 300 pés 129,9 libras por cada polegada quadrada, o que corresponde aproximadamente, como já dissemos, á pressão de 12 atmosferas.»

E depois de explicar que apesar de estas grandes pressões os peritos mergulhadores da marinha norte-americana não só chegaram já a profundidades de 300 a 305 pés mas conseguiram permanecer nessa profundidade 5 a 20 minutos examinando e fazendo observações num submarino cujo salvamento se efetuou, o sr. Eduardo Alves conclue que desde que haja possibilidade de observar e dirigir os trabalhos de salvamento a uma tal profundidade o problema está resolvido.

Um sonho? A sciencia tem avançado tanto nos ultimos anos que por mais incredulos que sejamos não podemos desesperar de vêr ainda resolvido tão importante problema. E já que a sciencia posta ao serviço da guerra nos deu novos e assombrosos meios de extermínio, que ela sirva também para nos compensar das destruições que esta catastrophe tem feito na terra, no mar e no ar.

Resposta de Wilson ás propostas de paz

Publicamos na integra, o texto da resposta do presidente Wilson á nota papal sobre a paz:

«Embora simpatizando com o pensamento que inspirou o pontifice na sua nota dirigida ás nações beligerantes, permitto-me dizer que seria uma loucura colocar-nos no caminho da paz, como nos convidam, se esse caminho não deve conduzir diretamente ao fim que tal pensamento sugere.

A nossa resposta deve ter como base factos tangíveis e nada mais.

É manifesto que nenhuma parte do programa pontificio se pôde realizar felizmente, sem que se tenha efetuado, previamente e antes de tudo, o restabelecimento do «statu quo ante bellum» e enquanto os nossos inimigos não tenham dado garantias suficientes para o futuro.

O fim desta guerra (digo-o aqui porque é a verdade absoluta) é remir os povos livres da ameaça de um militarismo potentissimo, ao serviço de um governo irresponsavel que, depois de ter projectado secretamente dominar o mundo, não recou para realizar o seu plano, nem ante o respeito devido aos tratados, nem ante os principios que desde muito tempo teem sido venerados pelas nações, pela civilização, pelo direito internacional e pela honra. Esse governo, animado unicamente pela vontade de realizar os seus sinistros designios, escolheu a hora e desde esse momento começou a lutar furiosamente e sem quartel.

Não se deteve perante nenhuma consideração de justiça ou de piedade; transpôz todas as barreiras morais que se podiam erguer na sua frente, e, quebrando os diques da sua barbaria, derramou torrentes de sangue sobre o velho continente, e não foi só o sangue dos soldados, mas também o das creanças e das mulheres, pobres indefezos.

Hoje o inimigo das quatro quintas partes do genero humano está desilusionado e imobilizado, mas não vencido por enquanto.

O odioso militarismo, contra o qual combatemos, está ainda de pé.

É certo, que não representa verdadeiramente as aspirações do povo alemão; mas é o senhor feroz e implacavel.

Tratar com ele segundo as iniciativas do plano de paz pontificio seria renovar as suas forças; seria uma especie de consagração, cujo resultado seria pôr os aliados na necessidade de constituir uma Liga permanente de nações contra o povo ale-

mão, e seria abandonar para sempre o povo alemão ás influencias nefastas e ás tendencias horrosas para a humanidade, de que o governo alemão nos tem dado tantas provas.

Poderia a paz basear-se na restauração da potencia do governo militarista alemão, e sobre a palavra de honra que este pôdesse cumprir mediante um tratado acomodático e de conciliação?

Os homens de Estado que teem a responsabilidade de dirigir a politica dos seus povos devem compreender atualmente que nenhuma paz poderia assentar seguramente nas relações politicas e economicas baseadas nos privilegios concedidos a certas nações em detrimento das outras.

O povo alemão tem sofrido prejuizos consideraveis por causa do governo alemão.

Todavia, os Estados-Unidos não pensam exercer represalias contra o povo alemão, porque não-nos anima nenhum baixo desejo de vingança.

Os americanos entendem que a paz futura deverá assentar no direito dos povos, pequenos ou grandes, os quais devem gosar igualmente da liberdade e das seguranças mais absolutas e ninguém lhes poderá negar o direito de se governarem a si proprios.

É mister também que se reconheça a esses povos o direito de realizar acordos economicos comuns, e esse direito ninguém pensa em negar ao proprio povo alemão se ele se resignar a aceitar o regimen de igualdade e não tente dominar, como atualmente o está fazendo, a todas as outras nações.

Esta é a base primordial de todo o projeto de paz. Deve este firmar-se na fé profunda, ardente, de todos os povos interessados e não sobre a palavra de um governo ambicioso e intrigante, que se opõe a um grupo de povos livres.

Estudamos este projeto, conscienciosamente com os nossos aliados e estamos decididos a proseguir na sua execução até ao final.

Não procuramos nenhuma vantagem material, digo-o mais uma vez. Entendo que os prejuizos, verdadeiramente intoleraveis, que nos tem causado a brutal empreza alemã, devem ser reparados, mas não queremos que o sejam em detrimento das soberanias de nenhum povo.

Como seria possível deixarmos de assim o entender, se precisamente entramos nesta guerra para assegurar a defeza dos fracos contra os fortes?

O desmembramento dos imperios, a criação das ligas egoistas que meditem a exclusão de outros povos, tudo isso repudiamos com toda a nossa energia; mas também rechaçamos categoricamente toda a base de paz inconsciente. A paz duradoura que nós queremos deve fundar-se na justiça, na lealdade e no respeito comum dos direitos da humanidade. Não podemos crer na palavra daqueles que governam hoje na Alemanha como oferta de garantias suficientes de um estado de coisas duradouro.

Para que nós os acreditássemos era preciso que a palavra fosse acompanhada de uma manifestação tão evidente da vontade do povo alemão que por si só podesse legitimar a aceitação sem reserva dos outros povos.

Sem estas garantias perante o estado atual das coisas, nenhuma nação pôde depositar confiança nos tratados estabelecidos com o governo alemão, nem mesmo no caso que este tomasse como base de um convenio o desarmamento, nem que substituisse, pelo sistema de arbitragens, as combinações da força militar, e ainda que oferecesse garantias formais, a fim de reconstituir as grandes nações.

Devemos esperar alguma nova e evidente demonstração das verdadeiras intenções que animam os povos que constituem os imperios centrais.

Nada será possível antes disto. Queira Deus que esse testemunho se produza brevemente para que renasça em todos os povos a confiança que antes tinham nos tratados que ligam as nações e para que não tarde em chegar a possibilidade de se concluir a paz.»

Episodio sugestivo descrito por um dos combatentes portugueses sobre a batalha de Lens, em França

Na carta do enviado especial do Seculo, sr. dr. Augusto de Castro, sobre a batalha de Lens, faz-se a mais honrosa referencia á iniciativa e valentia do alferes miliciano sr. Hernani Cidade, que pela parte importante que tomou nessa batalha, foi condecorado com a Cruz de Guerra.

Por uma carta de 21 do mez

endo, por esse valoroso oficial enviada a pessoa amiga, encontram-se os seguintes trechos do mais sugestivo impressionismo sobre a referida batalha, ferida, como se sabe, em 14 do mesmo mez, e a açao que houve nela o seu natario:

Esta semana transcorrida foi a maior da minha vida. Vivi nela horas extraordinarias, que valeram padagoes de infinito. Sob o bombardeamento, como eu me transfiguro e sou diferente e sou outro, capaz de todas as coisas alucinadas!

Ele começou quando eu passava revista ao «a postos» no pelotão á esquerda do meu. Corri immediatamente para os meus homens, a uns 200 metros de trincheira ainda, sob a chuva pavorosa da morteirada e granadaria. Vi rostos lividos no caminho, criaturas de mãos postas, soldados acorçados á passagem da chuva de fogo. O ponto onde eu corri era o mais vulneravel e preferido pelos alemães nas visitas. Encontrei um posto no caminho.

«Rapazes, vamos defender os nossos camaradas, que o «boche» vai entrar pela certa!»

Foram comigo uns 4 homens, todos os do posto. Passos andados, e um soldado apavorado diz:

«Meu alferes, os alemães estão na nossa linha, trazem aí já muitos prisioneiros».

«Anda comnosco e vamos dar-lhes caça e defender os nossos».

Eramos 5. Aproximamo-nos e imediatamente se deu o milagre! Os meus soldados, prisioneiros já, ao verem o capacete do seu alferes reuniram-se-lhe logo. E saltamos todos ao parapeito. E um vai buscar munições e outro distribue-as, enquanto outros faziam tiros. Eles corovam as cristas de uma cratera aberta por mina, tentavam um movimento envolvente pela retaguarda das nossas trincheiras. Os meus atiravam-se-lhes á valentona, feriam, matavam, aprisionavam. Livres deles, enfim! A alegria do abraço final em que todos nos estreitamos! O orgulho santo que eu senti ao ouvir os meus homens:

«Viva o nosso alferes Cidade, que nos livrou!»

Isto tudo, esta dedicação e esta fé dos meus homens no seu alferes vale para mim tudo, é todo esse grande momento. Vale para mim mais do que as considerações que aos camaradas e aos superiores isto me mereceu e mais que a Cruz de Guerra que hoje a ordem da divisão me deu em premio.

Só ha uma coisa que valha isto quasi o cinturão que o alemão que eu fui buscar além das trincheiras, ferido, sob o fogo, me deu, comovidamente, ao meu pedido delicado.

Ainda a paz e Papa
LONDRES, 3.

Dizem de Washington ao «Daily Mail» que corre o boato em certos centros americanos de que o Papa se propõe submeter aos beligerantes as seguintes condições de paz:

- 1.ª—Restauração da independencia da Belgica, concedendo uma base naval á Alemanha em Arvers.
- 2.ª—Autonomia da provincia da Lorena.
- 3.ª—A Alemanha conservará a Alsacia.
- 4.ª—Trieste será declarada porto franco.
- 5.ª—A conferencia da paz regulará a situação nos Balkans.

Nota officiosa
Informação do sector portuguez da ultima semana—Comunicação do general Tamagnini:

Situação manteve-se calma. Pequena actividade artilharia e nenhuma captura. Moral das tropas bom. Perdas insignificantes.

Noticias da guerra nos ultimos 8 dias

1 de setembro

O inventor Edison já apresentou ao presidente Wilson os resultados de uma série de invenções que auxiliarão poderosamente a marinha americana na luta contra os submarinos.—Desde 9 de abril a 22 de agosto, os aliados fizeram 167.780 prisioneiros inimigos.—Em Francfort reuniram-se varios financeiros para estudar os meios de pôr termo á guerra. Em setembro efectua outra reunião em Berlim.—O estado maior de guerra americano terminou o plano de constituição de um exercito de 4.500.000 homens e assim poderão os Estados- Unidos transportar para a Europa 6.000 soldados cada mez, com alimentos e petrechos.

Ha dias que se manifestam de novo sintomas de agitação nos centros operarios de Berlim. Distribuiram-se milhares de folhas volantes convidando á greve geral, como protesto.—Tein havido graves manifestações em Trieste por motivo da nova derrota dos austriacos. Foram presos trezentos manifestantes. Os bombardeamentos das fabricas de guerra pelos avioes italianos, que causaram consideráveis estragos, aumentaram o panico. A população continua evacuando precipitadamente a cidade. Chegam incessantemente da Hungria reforços militares, pedidos com grande urgencia. Calculam-se em dois ter-

ces os habitantes que tem saído já da povoação, tanto por medo do avanço italiano, como por fome.—O imperador, cuja visita foi reclamada pelo alto comando militar para levantar o moral da população, fez saber que urgentes occupações o impedem de pôr-se a caminho.—Desde os ultimos dias de julho, os alemães, que tinham a principio oito divisões na frente compreendida entre Briegrachten e a estrada de Ypres a Menin, tiveram que empenhar depois, pelo menos, 25 novas divisões. Daí se vê que, desde o fim de julho, combateram na frente de ataque franco-ingleza umas trinta divisões alemãs. Atualmente, estão na primeira linha 11 divisões inimigas. A batalha de Flandres obrigou, por isso, os alemães a retirar mais de 20 divisões, gastas pelas offensivas aliadas e que tiveram de ser substituidas sucessivamente por tropas frescas.

3
A Alemanha adoteu importantes precauções para a saída do imperio de todos os subditos estrangeiros. Antes da partida tem de submeter-se, durante seis semanas, a um regimen de completa reclusão.—A situação das tropas russas não é li-sonjeira: na Romania uma divisão abandonou as suas posições e recuou em desordem.—As forças ligeiras dos aliados destruíram no mar do norte quatro caçaminas alemãs.

casa, se não faltar o marido, ella deve poder velar pelo futuro dos filhos, sem ir pedir a esmola de conselhos ou de pão. Deve ser a educadora previdente e exemplar que reparará as gerações futuras, nascidas para uma nova era que novos ideais caracterizam.

A mulher e o homem são o fecho com que o Creador rematou a cadeira ascensional da Vida sobre a terra. São como o colchete e a femea, o botão e a casa indispensaveis ao bem apertado de um corpete. Em uma das partes, seria impossível usar o vestuario moderno, e ambas são igualmente necessarias, ambas tem a mesma utilidade.

A mulher deve ser util e occupar na vida o logar que lhe compete e de que até hoje tem sido afastada pela orgulhosa cegueira do homem. Por isso a Vida tem estado como o corpete desapertado, que não pôde vestir bem...

Preso ao passado pelo senti-